

GORDON MATTA CLARK E A ALQUIMIA DO ESPAÇO

Vanessa Beatriz Bortulucce¹

Palavras-chave: Gordon Matta Clark; arquitetura; arte contemporânea; Arte norte-americana.

A proposta desta comunicação é realizar uma breve discussão acerca dos conceitos de arquitetura e espaço na obra do artista norte-americano Gordon Matta-Clark (1943-1978), especialmente em sua produção concentrada nos anos de 1974 a 1977. É neste período que o artista realizou os cortes nos edifícios, que o tornariam famoso. Estas intervenções, conhecidas por *building cuts*, apresentam uma leitura diferente do espaço, bem como uma reinterpretação da linguagem da arquitetura.

Os *building cuts* de Matta-Clark possibilitam uma ampla discussão aos estudiosos, embora a sua obra ainda seja pouco estudada pelos historiadores da arte: assim como ocorre nos prédios, o artista escancara conceitos como espaço, luz, interior e exterior, público e privado, moradia, dança, memória, história, museu, urbanismo, propriedade, reciclagem, teatro, *performance*, escultura, e, naturalmente, arquitetura. Com um olho no presente e outro na história da arte, Matta-Clark, formado em um complexo caldo cultural – filho do pintor surrealista chileno Roberto Matta (1911-2002), ele passou sua juventude entre a América latina, a cidade de Nova York e viagens frequentes a Europa – demonstrou seu fascínio pelas múltiplas implicações da ocupação do espaço, mesmo que, em muitas situações, ele tivesse pouco ou quase nenhum controle sobre elas.

Esta nossa reflexão pretende enxergar a arquitetura e o espaço nos *buildings cuts* do artista como um processo alquímico. Alquimia, aqui, é entendida tanto como práxis artística quanto como visão de mundo. Em seus aspectos formais e iconográficos, o conjunto da obra de Matta-Clark partilha de uma crença comum: a de que a matéria está continuamente em transformação. Tudo evolui em um processo ininterrupto; substâncias geram outras substâncias, e todas as coisas no universo estão interligadas graças a este processo. A arte de Matta-Clark é essencialmente uma arte de exploração da matéria, um exercício de reflexão profunda, de caráter místico, sobre tudo aquilo que estrutura o universo. Assim, alguns temas recorrentes em sua obra, como comida, lixo, fotografia, árvores, automóveis, refletem a condição essencial da matéria: como ela pode ser manipulada, reciclada, transformada, absorvida, putrefata, reconstituída. Para ele, a manipulação de materiais – que ele afirmou ser o centro espiritual de seu trabalho – era uma questão não somente estética, mas também social.

¹ Mestre e Doutora em História da Arte – IFCH – UNICAMP. bortu@hotmail.com

Formado em arquitetura pela Cornell University, Ithaca, Nova York, no ano de 1968, nunca ergueu prédios de fato. As informações adquiridas na faculdade foram fundamentais para ele decidir o que fazer nos anos seguintes: dirigir um olhar crítico ao próprio exercício da arquitetura. Este conhecimento teórico da arquitetura o torna apto a desvendar os mecanismos da construção, a lógica do edifício. Embora Matta-Clark tenha detestado a escola de arquitetura, a arquitetura continuou dentro dele pra sempre, embora o artista negasse tudo aquilo que a aprisionava num viés acadêmico. Como Elena O'Neill afirma, "Matta-Clark estabeleceu uma relação com a arquitetura que poderia ser descrita como conflitante: ele se recusou a construir, embora seu trabalho estabeleça um diálogo entre arte e arquitetura no território da arquitetura" (O'NEILL, 2008:97).

No final dos anos 60 Matta-Clark começou uma série de intervenções (algumas ilegais) em edifícios abandonados ou prestes a serem demolidos, arquiteturas desprezadas, de uma forma ou de outra, pela cidade, pelo capitalismo, pelas pessoas. Munido de uma serra elétrica e outros instrumentos de corte, Gordon abria buracos, cortava pedaços, arrancava blocos de paredes e pisos, como se estivesse numa aula de anatomia. Ao interferir na estrutura sem ocasionar o seu colapso, ele dissecava os meandros da memória, extirpa funcionalidades, expondo os ossos das construções, abandonadas, como muitos humanos, à própria sorte. Neste sentido, a alquimia do espaço realizada por Matta-Clark também realiza uma crítica ao capitalismo desenfreado, especificamente em relação às propostas urbanas que a prefeitura de Nova York impunha na época. Estas críticas não estão somente presentes em seus *building cuts*: Matta-Clark também realizou intervenções em túneis subterrâneos, mostrando o que existe debaixo da epiderme de concreto citadina.

A alquimia urbana de Matta-Clark significa uma retradução do espaço e da experiência urbana. O espaço, matéria-prima da arquitetura, é configurado pela mesma por meio da construção. As camadas de vazio e de memória, os ocos metafóricos, o caráter fortemente *voyeur* da arquitetura, tudo está presente naquele espaço que foi local de experiência humana, e que, a partir das intervenções do artista, transforma-se em um novo local, que abarca outras experiências. Ao se reciclar a matéria, recicla-se a sua significação e recicla-se o espaço. A mitologia do espaço expande-se.

Este processo alquímico está presente também no registro das obras de Matta-Clark: como os seus *building cuts* foram todos demolidos, sobrevivem em vídeos e fotografias. Algumas destas últimas organizadas como colagens, num trabalho onde arquitetura, escultura e fotografia confluem de modo espantoso. Constrói-se, desta forma, um tempo mítico para estas arquiteturas, que estabelecem uma forte ligação com o nosso presente. Neste sentido, a obra de Matta-Clark ressoa as palavras do filósofo e poeta francês Gaston Bachelard: "O homem é o ser entreaberto" (BACHELARD, 2008:225).

Desta forma, a partir de algumas obras do período – como *Splitting* (1974), *Day's End* (1975), *Conical Intersect* (1975) e *Office Baroque* (1977), que nos representam diferentes momentos na trajetória de seus *building cuts*, surgem algumas questões: o que este processo alquímico sugere sobre as condições de fazer arte, arquitetura e urbanismo na Nova York da década de 70? De que forma estes projetos de Matta-Clark visam a própria escrita da história, tida como uma ferramenta para a construção de um ideal de trabalho a serviço do progresso?

Como classificar Matta-Clark? A maioria dos estudiosos refere-se ao artista como um escultor. Por mais que sejam feitos esforços no sentido de inserir Matta-Clark numa cronologia da arte, ele permanece numa situação *sui generis*. Suas tentativas de reinterpretação do espaço colocam sua obra num *locus* complexo, que envolve montagens fotográficas, registros em vídeo, textos e cartões teóricos, pedaços de tetos, portas e janelas e paredes que, num processo de sinédoque visual, nos falam de algo que não está mais. Somente a arquitetura como memória permanece, e, ainda assim, de forma simbólica – as construções originais foram postas abaixo, o chão retorna a sua condição de tabula rasa espacial, pronto para receber outros edifícios, a cidade da década de 70 não é mais a dos anos 2000. Tudo aquilo que a obra de Matta-Clark pode fazer pelo espaço do museu é isto: mencionar a reminiscência de uma experiência, colocando o próprio espaço museológico numa relação dialética com suas obras. Nenhum museu pode dar conta de abrigar o que significa a obra de Matta-Clark: como compreender a experiência de vivenciar os *building cuts* e de caminhar por entre os vãos da matéria arquitetônica, com suas camadas de vazio? Ou de sentir a poeira, o cheiro de acúmulo do tempo em paredes, janelas caolhas, portas desdentadas, o barulho da serra e das sirenes de polícia, o ranger dos degraus, o teto-chão e o chão-teto, a gravidade incerta? Para nosso alívio, um espaço sempre fala por meio de outro, e felizmente Matta-Clark produziu belíssimas fotografias e fotomontagens que registram, muitas vezes em forma de delicada poesia visual – o processo, o produto, uma lembrança arquitetônica. Registram, também, a engrenagem absurda das grandes empresas e dos interesses capitalistas, que, como Saturno, devora o que gerou, amputando memórias.

Na época em que Matta-Clark estudava em Cornell, um dos responsáveis pelo programa de arquitetura era Colin Rowe, um proeminente teórico da arquitetura modernista. Sua visão de modernismo influenciaria, mais tarde, muito da relação do trabalho de Matta-Clark com a teoria e prática modernistas. O artista também passou um ano estudando literatura francesa na Sorbonne, em Paris, e ele estava nesta cidade quando ocorreram os eventos de maio de 68. É lá que ele conhece a teoria de alguns filósofos do desconstrutivismo francês, bem como descobre Guy Debord e os Situacionistas. Estes teóricos desenvolveram o conceito de *détournement*, ou seja, a reutilização de elementos artísticos pré-existentes em um novo conjunto. Esta última idéia é capital no sentido de compreender a atitude de Matta-Clark em relação aos seus trabalhos: o artista retira o prédio de uma condição de “abandono”; seu trabalho dá continuidade ou força ao edifício, que reconstrói-se pela mutilação.

Matta-Clark é mais conhecido pelas obras que alteram de forma radical estruturas arquitetônicas pré-existentes. Enquanto nos parece mais “aceitável” a interferência em obras de pintura ou escultura (e nestes casos, preservam-se as peças tomadas como ponto de partida – e talvez seja este o motivo pela maior aceitação, afinal – a intervenção não compromete a peça-inspiração), transferir tal práxis para o campo da arquitetura torna-se algo impensável. Arquitetura é tida como uma área onde a questão da intervenção não é pensada em termos da sua estrutura. Aceitamos intervenções no sentido de realizar reformas, reparos estruturais ou de acabamento, ampliação e/ou redução de espaço, etc. nenhuma outra intervenção é cogitada – os espaços ocupados pelas pessoas nos remetem a palavras como ocupação, abrigo, trânsito, permanência, movimento. Talvez a intervenção mais importante e mais democrática do homem na arquitetura seja a capacidade de construir a permanência da presença quando ausente, em

termos de nostalgia, memória, reminiscências. É pelo espaço que se recorda, e assim, de espaço ele passa para a condição de espaço vivido. Desta maneira, não existe o vazio real, somente intervalos de memória. Por outro lado, a frequente intervenção física do homem numa arquitetura que não mais se presta a tornar-se possibilidade de espaço vivido – em outras palavras, sua existência material não oferece mais aderência aos desejos do capital – é a sua demolição.

Já na sua série *Fake Estates* o artista descreve sua compra, em leilões, de microterrenos inutilizados ou dispensados pelos arquitetos e incorporadores porque não tinham cabimento nos projetos racionalistas; é uma obra que ironiza a burocracia do capital, já que os terrenos adquiridos pelo artista, de proporções mínimas e de localização muitas vezes impossível, revelam os absurdos da pretensa racionalização urbana; são os retalhos e os restos urbanos, desprezados como as construções retomadas por Matta Clark. Chamar a atenção para os supostos “restos” da sociedade capitalista – intervindo em prédios, ocupando outros, abrindo o restaurante Food, que faz comida com alimentos geralmente desconsiderados e descartados, construindo muros de lixo, destruindo caminhões, mostrando como a avidez humana pode ser banal e destrutiva.

Matta-Clark estava afinal interessado em entender o espaço como algo desatrelado de noções como confinamento, aprisionamento. A ideia de um “espaço total”, público e acessível a todos é fruto tanto das reflexões que amadurecem no período pós-Cornel como está ligada a própria infância de Gordon na cidade de Nova York, onde os contatos que fazia com outros seres humanos se davam, em grande parte, pela comunicação com os vizinhos através das janelas. A imagem predominante é a imagem de um mundo como uma estrutura arquitetônica esvaziada das suas metáforas mais recorrentes (como por exemplo, “os pilares da sociedade”).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

O'NEILL, Elena. Ideias-em-forma: intervenções de Gordon Matta-Clark. *Revista Artes e Ensaios* – Pós-Graduação em Artes Visuais EBA/UFRJ. Ano XV, n. 17, pp. 95-103. Rio de Janeiro, 2008.